

## A TRADUÇÃO DE PALAVRÕES CONSTANTES DAS LEGENDAS DO FILME AMERICANO GRAN TORINO

Thaís COLLET

Universidade Federal de Santa Catarina

[thais\\_collet@hotmail.com](mailto:thais_collet@hotmail.com)

**Resumo:** Neste trabalho, foram analisadas as traduções dos palavrões constantes das legendas, em português brasileiro, em uma cena do filme americano *Gran Torino* (2008), com o objetivo de verificar como este tipo de linguagem foi traduzido. Esta análise confirmou o que pesquisadores da área de legendagem já afirmavam: na legendagem há uma tendência de amenizar os palavrões.

**Palavras-chave:** Tradução audiovisual; legendas; palavrões.

### Introdução

Uma das curiosidades dos alunos de língua estrangeira (LE), principalmente adolescentes, mas não exclusivamente, é aprender a falar palavrões. No entanto, os professores, por vários motivos, evitam ensinar tal vocabulário e, muitas vezes, acabam sugerindo ao aluno que assista a filmes, boas fontes, segundo os mestres, para se familiarizar com esse léxico. A respeito do uso de filmes com fins didáticos, Díaz Cintas (2008, p. 6, tradução nossa)<sup>1</sup> afirma que “escolas e universidades no mundo inteiro parecem ter finalmente descoberto os benefícios da TAV no ensino-aprendizado de língua estrangeira.”<sup>2</sup> Então, se assistir a filmes pode ser positivo para o aprendizado da LE e muitos filmes trazem, sim, palavrões, são estes traduzidos para que os telespectadores, que assistem aos filmes com legendas em português, entendam seus reais significados? Com o objetivo de verificar quais os procedimentos utilizados pelos tradutores, quando deparados com este tipo de linguagem, foram analisadas as traduções dos palavrões, em português, apresentadas nas legendas do DVD, de uma cena do filme americano *Gran Torino* (2008). Os palavrões, analisados no filme, foram também comparados com pesquisas que apontavam os palavrões mais frequentes na língua inglesa, a fim de verificar se o diálogo analisado representava o uso do vocabulário americano.

### 1. Sobre palavrão

Neste trabalho, “palavrão” será usado como sinônimo para palavras de “baixo calão”, palavras que significam blasfêmia, xingamentos, maldições e tabus. O dicionário Houaiss (2007) apresenta a seguinte definição para tabuísmo:

---

<sup>1</sup> Todas as citações, quando originalmente em língua estrangeira, foram feitas pela autora deste artigo.

<sup>2</sup> “school and universities worldwide seem to have finally discovered the benefits of AVT for foreign language learning and teaching” (DIAZ CINTAS, 2008b, p.6).

Tabuísmo: palavra, locução ou acepção tabus, consideradas chulas, grosseiras ou ofensivas demais na maioria dos contextos [São os chamados palavrões e afins, e referem-se ger. ao metabolismo (cagar, mijar, merda), aos órgãos e funções sexuais (caralho, pica, boceta 'vulva', colhão, cona, foder, pívia, crica, pachoucho etc.), incluem ainda disfemismos pesados como puta, veado, cabrão, paneleiro, expressões tabuizadas (puta que pariu) etc.]

De acordo com Jay (1999), os palavrões estão associados ao vocabulário relativo a sexo, excreção e palavras relativas a igreja, que, ditas fora do contexto religioso, são consideradas blasfêmias. Pinker (2008) ainda acrescenta a esta lista doenças e grupos desfavorecidos.

Segundo Montagu (2001), dizer palavrões não é aceitável socialmente para muitas pessoas. O uso deles pode ser coibido por muitas famílias, principalmente na frente de crianças. Em muitas instituições de ensino, é vetado o seu uso, bem como na mídia impressa e eletrônica.

Ainda que o uso incontrolável de palavrões possa estar ligado a doenças como síndrome de Tourette e Alzheimer (JAY, 1999), não é preciso ter dano cerebral para proferi-los. O uso de palavrões pode ser relacionado a gênero, idade, religião, nível social, raça. Conforme explica Mcenery (2006, p.1),

[...] usar a palavra pode levar qualquer ouvinte a fazer uma série de inferências sobre você. Eles podem deduzir algo sobre seu estado emocional, sua classe social ou suas crenças religiosas, por exemplo. Eles podem ainda deduzir algo sobre suas conquistas na área da educação.<sup>3</sup>

No entanto, os palavrões nem sempre são insultos, eles podem ser também uma forma de melhor expressar o sentimento, podendo ele ser de raiva ou felicidade:

Falar palavrões é uma forma de verbalizar palavras ofensivas de poder emocional (ex. *fuck, shit*) ou expressões emocionalmente prejudiciais (ex. *kiss my ass, piss off, up yours*) que são entendidas como insultos. Palavrões não são sempre usados como insultos, por exemplo: “*I didn’t know where the fuck I was going.*” Dizer palavrões ajuda nas necessidades emocionais do falante e afeta emocionalmente aqueles que os escutam. Dizer palavrões permite ao falante expressar emoções fortes e/ou produz um impacto emocional na pessoa que os escuta. O impacto pode ser positivo, como numa piada ou numa sedução sexual, ou pode ser negativo, como em xingamentos ou assédio sexual (JAY, 1999, p. 10).<sup>4</sup>

Também Wiecha (2009, p. 6) acredita que o uso de palavrões entre amigos pode ser positivo. Referindo-se às convenções sociais que reprimem o uso dos palavrões, ela comenta: “[...] a etiqueta sobre os palavrões não bane o uso deles, existem inclusive situações nas quais

3 [...] using the word may lead any hearer to make a number of inferences about you. They may infer something about your emotional state, your social class or your religious beliefs, for example. They may even infer something about your educational achievements (MCENERY, 2006, p.1).

4 Cursing is the utterance of emotionally powerful, offensive words (e.g., *fuck, shit*) or emotionally harmful expressions (e.g., *kiss my ass, piss off, up yours*) that are understood as insults. Curse words are not always used as insults, for example, “*I didn’t know where the fuck I was going.*” Cursing serves the emotional needs of the speaker and cursing affects listeners emotionally. Cursing permits a speaker to express strong emotions and/or produce an emotional impact on a listener. The impact can be positive, as in joking and sexual enticement, or it can be negative, as in name calling and sexual harassment (JAY, 1999, p. 10).

dizê-los pode ter um ‘resultado social positivo’, como em piada, gíria em grupo, ironia ou meios similares para promover a harmonia social”.<sup>5</sup>

Jay (1999, p. 11) argumenta que os palavrões expressam sentimentos e emoções que as palavras que não são palavrões não conseguem expressar:

[...] os palavrões são únicos porque eles fornecem uma intensidade para a fala que as palavras comuns não conseguem alcançar. Palavrões têm tanto poder que eles se tornam palavras que, uma vez aprendidas, devem ser reprimidas nos contextos formais.<sup>6</sup>

Maior (1980), na introdução de seu *Dicionário do palavrão e termos afins*, afirma que:

Uns são contra o palavrão, admitindo o seu uso por outros somente em determinadas ocasiões. Cacilda Becker defende-o no teatro: “Quando o palavrão vem dentro de um espetáculo de cultura e atende as necessidades indiscutíveis de esclarecimento do público – em todo o Brasil normalmente culto – faz parte da obra de arte e é absolutamente justificado. Condená-lo é uma atitude se não hipócrita, ao menos ignorante.

Se levar em consideração que o cinema, assim como o teatro, também é um espetáculo de cultura, o uso de palavrões nos filmes, segundo a autora acima citada, seria, então, justificado.

Segundo pesquisas de Jay (2009 apud WIECHA, 2009), os dez palavrões mais frequentes nos Estados Unidos são: fuck, shit, hell, damn, goddamn, Jesus Christ, ass, oh my god, *bitch* e sucks. Após a análise, será feita uma comparação dos palavrões usados no filme, no original em inglês, com esta lista, para verificar se o vocabulário usado no filme corresponde ao vocabulário americano.

## 2. Sobre legendagem

A Tradução Audiovisual (TAV) é uma das doze áreas de pesquisa mapeadas por Willians e Chesterman (2002) dentro dos Estudos da Tradução (ET) e segundo Díaz Cintas (2008a), uma das áreas que mais cresce. Este trabalho foca, dentre os tipos de TAV, na legendagem, que, de acordo com Chiaro (2009, p. 148) “[...] consiste em incorporar na tela um texto escrito que é uma versão condensada no texto alvo do que é escutado na tela.”<sup>7</sup>

Apesar de entender que a legendagem é um processo que envolve várias técnicas<sup>8</sup>, este trabalho se limita a tratar da questão da tradução de palavras de baixo calão.

Como foi citado, os palavrões nem sempre são aceitos pela sociedade, e isto é ainda pior quando se trata da escrita. A respeito dessa questão, Koglin (2008, p. 20) afirma que:

Existem convicções generalizadas de que a escrita seja superior à oralidade. Em função disso, o legendador precisa pensar em uma maneira de traduzir

5 [...] this swearing etiquette does not ban swearing, there are indeed also situations in which swearing can have “positive social outcomes” as in joking, in-group slang, irony or similar means for the promotion of social harmony (WIECHA, 2009, p. 6).

<sup>6</sup> Curse words are unique because they provide an emotional intensity to speech that noncurse words cannot achieve. Curse words have so much power that they become words that, once learned, must be suppressed in formal contexts (JAY, 1999, p. 11).

<sup>7</sup> Subtitling consists of incorporating in the screen a written text which is a condensed version in the target text of what can be heard on screen (CHIARO, 2009, p. 148).

<sup>8</sup> Ver Martinez (2007) e Carvalho (2005).

de modo que o enunciado pareça oral, mas que, ao mesmo tempo, não desrespeite as regras da escrita.

Acredita-se, por isso, que os palavrões sejam amenizados quando traduzidos para o código escrito. Também Chiaro (2009, p. 151) trata deste assunto:

[...] na legendagem, a língua falada é transformada em escrita. Consequentemente, todos os elementos que não são aceitos em língua padrão escrita ou mesmo informal (ex. hesitações, falsos começos, língua tabu, etc.) são inevitavelmente omitidos na racionalização que a modalidade exige.<sup>9</sup>

Apesar de Karamitroglou (1998, [n.p.]), em seu artigo *A proposed set of subtitling standards in Europe*, afirmar que “palavras tabu não deveriam ser censuradas, a menos que o seu frequente uso determine a sua redução por razões de economia textual.”<sup>10</sup>, estudiosos e profissionais da área de legendagem no Brasil, como Araújo (2002), Carvalho (2005), Koglin (2008) e Martinez (2007), afirmam que a tendência na legendagem é a amenização dos palavrões. Araújo (2002) apresenta a suavização das palavras de baixo calão como uma das estratégias usadas na legendagem. Naturalmente, isso não é uma regra e pode variar, dependendo do público-alvo ou do cliente que pede o serviço de tradução. Martinez (2007, p. 49) afirma que a norma para o canal GNT, por exemplo, é “amenizar a linguagem em todas as situações.”

Percebe-se, que a amenização e a eliminação de palavrões fazem parte do processo de legendagem. Então, será analisada uma cena do filme *Gran Torino*, para verificar se o mesmo ocorre nele.

### 3. Palavrões no filme *Gran Torino*

#### 3.1 O filme

O filme *Gran Torino* é um drama americano de 2008, dirigido, produzido e estrelado por Clint Eastwood. A trama explora os problemas de convivência entre diferentes grupos raciais. Inicialmente, Walt Kowalski, um veterano da guerra da Coreia, não tem um bom relacionamento com seus vizinhos Hmong, etnia do sudoeste asiático, mas quando estes passam a sofrer com gangues da própria etnia, Kowalski decide defendê-los. O filme também apresenta rivalidades entre gangues de jovens Hmong, mexicanos e afro-americanos. Todos os encontros destes diferentes grupos raciais são representados no filme por um vocabulário agressivo, repleto de palavrões.

#### 3.2 A análise

Para este trabalho, foi analisada uma cena<sup>11</sup> da qual foram extraídos os palavrões em inglês que foram comparados com as traduções apresentadas nas legendas em português. Na

<sup>9</sup> [...] in subtitling spoken language is transformed into writing. Consequently, all the elements that are unacceptable in standard, or even informal written language (e.g. hesitations, false starts, taboo language, etc) are inevitably omitted in the streamlining that the modalities necessitates (CHIARO, 2009, p. 151).

<sup>10</sup> Taboo words should not be censored unless their frequent repetition dictates their reduction for reasons of text economy (KARAMITROGLOU, 1998, [n.p.]).

<sup>11</sup> A cena começa quando o filme já tem 1h e 18 min de duração e dura aproximadamente 3m e 20 s.

cena descrita abaixo, a personagem principal, Walt Kowalski, na tentativa de ajudar seu vizinho adolescente, Thao, leva o garoto a uma barbearia na qual trabalha um amigo seu, Martin. A intenção de Walt é fazer com que Thao, que é tímido e quieto, aprenda a falar, segundo Walt, como um homem, para que possa, posteriormente, arrumar um emprego. Na visão da personagem americana, o menino deve usar palavrões para que não seja visto como um idiota.

A cena escolhida não apresenta disputas acirradas, rivalidades, lutas ou agressões físicas, que são marcantes e constantes no filme; pelo contrário, ela é um diálogo mais pacífico entre três personagens que, embora de raças diferentes (Walt é polaco-americano, Thao é Hmong e Martin é descendente de italianos), convivem em harmonia. A cena não é uma das mais pesadas lexicalmente em se tratando de palavrões, mas foi escolhida por apresentar o uso deles tanto como um ponto positivo, na interação social entre amigos, como negativo, nos insultos e expressões de raiva. Abaixo seguem o original em inglês com o nome do personagem e ao lado, as legendas em português apresentadas no DVD. Na tabela foram acrescentados números para cada legenda, no intuito de otimizar a conferência durante a análise.

Enunciado original	Legendas em português
01 WALT: Now you're just gonna learn how guys talk.	Agora vai aprender conversa de macho.
02 WALT: You just listen to the way Martin and I batter it back and forth.	Preste atenção em como Martin e eu conversamos.
03 WALT: -You okay? You ready? THAO: -Sure.	-Tudo bem? Está pronto? -Estou.
04 WALT: All right. Let's go in.	Certo. Vamos lá.
05 THAO: Perfect.	Perfeito.
06 MARTIN: A Polack and a chink.	Um polaco e um china.
07 WALT: How are you doing, Martin, you crazy Italian prick?	Como vai, Martin, seu italiano maluco?
08 MARTIN: Walt, You cheap bastard, I should've known you'd come in. I was having such a pleasant day.	Walt, seu canalha mesquinho. Só podia. Meu dia estava bom demais.
09 WALT: What'd you do, Jew some poor blind guy out of his money?	Por quê? Andou roubando dinheiro de cego?
10 WALT: -Gave him the wrong change? MARTIN: -Who's the Nip?	-Dando o troco errado? -Quem é o japa?
11 WALT: Oh, he's a pussy kid from next door. I'm just trying to man him up a little bit.	É um bichinha vizinho meu. Estou tentando fazê-lo virar macho.
12 MARTIN: Mm.	
13 WALT: You see, kid? Now, that's how guys talk to	Está vendo, garoto?

one another.	É assim que homem fala.
14 THAO: -They do? MARTIN: -What? You got shit in your ears?	-É? -Qual é? Tem merda nos ouvidos?
15 WALT: Now go on out and come back in, talk to him like a man.	Agora saia e entre de novo e fale com ele como homem.
16 WALT: Like a real man.	Como um homem de verdade.
17 MARTIN: -Come on, Walt. WALT: -Come on. Get your ass out of here.	-Qual é, Walt! -Vamos. Saia.
18 WALT: And come on back now.	E entre outra vez.
19 WALT: -Sorry about this. MARTIN: -It's okay.	-Desculpe por isso. -Tudo bem.
20 THAO: What's up, you old Italian prick?	E aí, seu velho italiano canalha?
21 MARTIN: Get out of my shop before I blow your head off..	Fora da minha loja antes que estoure seus miolos...
22 MARTIN: -...you goddamn dick-smoking gook! WALT: -Jesus Christ. Oh, shit.	-chinês desgraçado! -Minha Nossa! Droga!
23 WALT: Take it easy. Take it easy.	Calma.
24 WALT: What the hell are you doing? Have you lost your mind?	O que está fazendo? Você ficou louco?
25THAO: But that's what you said. That what you said men say.	Mas disse que é assim que os homens falam!
26 WALT: You don't just come in and insult the man in his shop.	É, mas não se ofende o dono da loja.
27 WALT: You don't do that. What happens if you meet some stranger and get the wrong one?	Não se faz isso. Vai que o cara é maluco e tem pavio curto.
28 WALT:-He's gonna blow your gook head right off. THAO: -What should I have said, then?	-Ele estoura seus miolos na hora. -O que eu deveria ter dito, então?
29 MARTIN: Yeah, kid, why don't you start with "Hi" or "Hello"?	É, garoto, por que não começa com "oi" ou "olá"?
30 WALT: Yeah, just come in and say:	É, entre e diga...
31 WALT: "Sir, I'd like a haircut, if you have the time."	"Senhor, eu queria cortar o cabelo, se estiver livre."
32 MARTIN: Yeah, be polite, but don't kiss ass.	É, seja educado sem ser puxa-saco.
33 WALT: In fact you could talk about a construction job you just came from...	Pode falar do seu emprego na obra de onde acabou de chegar...

34 WALT: ...and bitch about your girlfriend and your car.	ou reclamar da sua namorada ou do seu carro.
35 MARTIN: Hum. Son of a bitch, I just got my brakes fixed, and those sons of bitches really nailed me.	"Droga! Acabei de consertar o freio e o safado do mecânico me roubou."
36 MARTIN: -I mean, they screwed me right in the ass. WALT: -Yeah, Don't swear at the guy.	-Ele me ferrou bonito." -É, não xingue o interlocutor.
37 WALT: Just talk about people who are not in the room.	Fale de gente que não está por perto.
38 WALT: You could bitch about your boss making you work overtime when it's bowling night.	Reclame do seu chefe que não deixa você sair na hora em dia de boliche.
39 MARTIN: Right. Or my old lady bitches for two goddamn hours...	É. Ou da sua mulher que ficou falando duas horas...
40 MARTIN: ...about how they don't take expired coupons at the grocery store...	que não aceitam cupons de desconto vencidos no armazém...
41 MARTIN: ...and the minute I turn on the fucking game, she starts crying how we never talk.	e na hora que você liga a TV para ver o jogo, ela diz que vocês nunca conversam.
42 WALT: You see? Now go out, come back and talk to him.	Entendeu? Agora saia, volte e fale com ele.
43 WALT: And it ain't rocket science, for Christ's sake.	Não tem ciência nenhuma, caramba!
44 THAO: Yeah, but I don't have a job, a car or a girlfriend.	É, mas não tenho carro, emprego nem namorada.
45 MARTIN: Jesus. I should've blown his head off when I had the chance.	Caramba, eu devia ter estourado os miolos dele quando tive a chance.
46 WALT: Yeah. Maybe so.	
47 WALT: Now, okay, I want you to turn around and go outside...	Tá. Agora quero que vá até lá fora...
48 WALT: ...and come back, and don't talk about having no job...	e depois volte, mas não diga que não tem emprego...
49 WALT: ...no car, no girlfriend, no future, no dick.	que não tem carro, nem namorada, nem futuro nem colhão.
50 WALT: Okay? Just turn around and go.	Certo? Agora, vá.
51 THAO: Excuse me, sir. I need a haircut, if you ain't too busy.	Com licença, senhor, quero cortar o cabelo, se não estiver ocupado...

52 THAO: You old Italian son-of-a-bitch prick barber.	seu barbeiro italiano velho filho da mãe!
53 THAO: Boy, does my ass hurt from all the guys at my construction job.	Pô, os caras me pegaram de jeito lá na obra.
54 WALT: Fuck me.	Nossa.
55 WALT: Jesus Christ.	Jesus Cristo.

Tabela 1: Transcrição do diálogo em inglês e legendas em português.

Na cena analisada acima, pode-se observar que os velhos amigos se permitem o uso dos palavrões e até mesmo xingamentos entre si; no entanto, advertem o garoto de que não deve ofender pessoalmente estranhos. Os palavrões tiveram tanto um efeito positivo, como pode ser visto no uso pelos amigos, denotando confiança na relação social, como um efeito negativo, quando usados para insultos.

Para verificar como os palavrões foram traduzidos, foram buscadas definições para constatar a intensidade e uso dos mesmos. Foram utilizados o dicionário *Longman online* e *The Routledge dictionary of modern American slang and unconventional English* (DALZELL, 2007) para as palavras em inglês e o dicionário Houaiss (2007) para as palavras em português.

No que se refere às estratégias de tradução, ainda que os pesquisadores da área de tradução-audiovisual cite “amenização” e “eliminação”, foram buscadas algumas estratégias de tradução dentro dos Estudos da Tradução. No livro *“In other words: a course-book on translation”*, Mona Baker (1992) apresenta estratégias que o tradutor pode usar quando deparado com problemas na tradução de uma língua para outra. O vocabulário analisado neste trabalho não apresenta dificuldade para o tradutor no que se refere a falta de um equivalente no nível de palavra, como trata a autora, porém, o tradutor acaba tendo que usar algumas estratégias devido as restrições das empresas de tradução-audiovisual e por se tratar da transferência de um texto oral para um texto escrito, como visto na seção sobre legendagem. Então, para a análise, será usado (i) tradução por um equivalente, quando o tradutor utilizou uma palavra, que, pelas definições dadas, pôde-se entender que o original e a tradução tinham a mesma intensidade de significado; (ii) tradução usando uma palavra mais neutra ou menos expressiva, ou seja, quando o palavrão foi amenizado na tradução e (iii) tradução usando omissão<sup>12</sup>, quando não há menção alguma na legenda ao palavrão dito originalmente em inglês.

### 3.2.1 Tradução usando um equivalente

Ocorreram somente duas traduções usando um equivalente: nas legendas 14 (“*shit*” – “merda”) e 49 (“*Dick*” – “colhão”). Em inglês, os termos “*shit*” e “*dick*” são usados somente na fala, e seu uso não é polido, educado<sup>13</sup>. Já as traduções em português, “merda” e “colhão”, são tabuísmos<sup>14</sup>, os dois únicos dentre todas as traduções aqui apresentadas.

### 3.2.2 Tradução usando uma palavra mais neutra ou menos expressiva

<sup>12</sup> Baker (1992) cita outras estratégias de tradução no nível de palavra, mas somente a “tradução usando omissão” e “tradução usando uma palavra mais neutra ou menos expressiva” interessam para esta análise.

<sup>13</sup> Os significados das palavras em inglês, quando não citadas outras fontes, são do Dicionário Longman.

<sup>14</sup> Os significados das palavras em português são do dicionário Houaiss.

Ocorreram amenizações em 16 legendas. Na legenda 6, “*chink*” foi traduzido por “china”. “*Chink*” é um tabu, uma palavra muito ofensiva. O dicionário Longman inclusive aconselha não usar esta palavra. “China”, em português, é sinônimo de “chinês”, “natural ou habitante da China”.

Na legenda 22, a expressão “*goddamn dick-smoking gook*” foi traduzida por “chinês desgraçado”. Pode-se perceber que a palavra “*goddamn*”, que aqui tinha função de intensificador, pois foi usada para exprimir raiva, foi traduzida por “desgraçado”. Apesar de o termo em inglês ser considerado ofensivo para alguns cristãos, em português, “desgraçado” já perdeu a conotação religiosa e, por isso, não é mais extremamente ofensivo, já que não vivemos numa época de fervor religioso. De acordo com Pinker (2008, p. 387), “a amenização dos tabuísmos religiosos é consequência óbvia da laicização da cultura ocidental.” O termo “*gook*” foi traduzido por “chinês”. Abaixo a definição do termo em inglês:

Gook: a Vietnamese person; an Asian, especially a Filipino, Japanese, or Korean; any dark-skinned foreigner. A derogatory term, too all-encompassing to be directly racist but deeply xenophobic. Coined by the US military (DALZELL, 2009).

Entende-se que a intensidade da expressão traduzida é dada pelo adjetivo (desgraçado) que acompanha a palavra “chinês”, pois somente ela não seria ofensiva, a menos que se considere que ele não engloba qualquer asiático, como no original em inglês. Na tradução, o personagem é chamado de chinês, embora pertencente à etnia Hmong, povo que habita as regiões montanhosas do Laos, Vietnã e Tailândia. Já o termo “*Dick-smoking*” não foi traduzido.

“*Son of bitch*” apareceu três vezes e foi traduzido por “droga” e “safado” na legenda 35 e por “filho-da-mãe” na legenda 52. “*Son of bitch*” é uma expressão ofensiva, não educada, usada na fala, para alguém com quem se está zangado. A palavra “*bitch*” sozinha é usada informalmente para insultar uma mulher de quem não se goste ou que se considere desagradável. Em português, “droga”, quando usada como interjeição, manifesta somente impaciência ou irritação. “Safado” é usado informalmente para referir-se a “aquele que não tem vergonha de seus atos”, “cínico”. E “filho da mãe” é informal, um eufemismo para “filho da puta”, que é um tabu.

Na legenda 36, “*screwed in the ass*” foi traduzido por “ferrou”. Pode-se observar que “*in the ass*” foi eliminado. “*Screw*” é um tabu, uma palavra ofensiva que significa “ter sexo com alguém”. O *Dicionário do palavrão e termos afins*, de Mário Maior (1980), traz o verbete “ferrar” como sinônimo de “deflorar”, ou seja, “fazer perder a virgindade”. Entre as 18 acepções do verbete “ferrar” no dicionário Houaiss, talvez a única que se encaixasse aqui seria “penetrar ou ser penetrado com profundidade”, o que poderia estar de acordo com “deflorar”. No entanto, ainda que não encontrado no dicionário, entende-se o uso informal de “ferrar-se” como “dar-se mal”, o que faria sentido no contexto. Como o dicionário de Maior é de mais de três décadas atrás, acredita-se que, como ocorreu com a palavra “coitado”, que significava “aquele que sofreu coito” (VERGINASSI; BURGOS, 2008) e hoje tem significado apenas de “infeliz”, “desventurado”; a palavra “ferrar” tenha também perdido seu sentido sexual; por isso, entende-se que a tradução de *screwed* por “me ferrou” foi amenizada. Se a opção tivesse sido pelo verbo “foder”, aí sim, teria sido mantido o tabuísmo.

Na legenda 53, a frase “*does my ass hurt*” foi traduzida por “me pegaram de jeito”. A conotação sexual foi amenizada.

Na legenda 54, “*Fuck me*” foi traduzido por “nossa”. O termo “*fuck*” é um tabu e expressa algo surpreendente ou impressionante. “Nossa” também é uma interjeição que expressa admiração ou espanto; no entanto, não é informal ou inadequado o seu uso.

Na legenda 55 “*Jesus Christ*” foi traduzido por “Jesus Cristo”. Apesar de o termo “*Jesus Christ*” estar na lista dos dez palavrões mais usados nos Estados Unidos, o dicionário Longman adverte quanto ao seu uso, pois cristãos podem achá-lo ofensivo. Já em português, “Jesus” é descrito como uma interjeição que expressa admiração, surpresa, medo, espanto ou alegria, sem que seu uso seja caracterizado como informal ou tabu.

Algumas palavras mantiveram a ideia do original, sem, contudo, manifestar conotação sexual, por isso, foram consideradas como uma tradução por uma palavra mais neutra. Na legenda 11, a tradução de “*pussy kid*” por “bichinha”. O termo “*pussy*” significa “homem fraco, covarde ou afeminado”<sup>15</sup>, como podemos entender pela tradução “bichinha”, que não traz, no entanto, a conotação sexual que a palavra também possui em inglês – “vagina”. O dicionário Longman classifica o verbete “*pussy*” como tabu, quando significa o órgão feminino, e sugere não usar o vocábulo. Com sentido de “homem fraco”, o dicionário complementa que é ofensivo e não educado. Por curiosidade, apesar de não possuir conotação sexual no Brasil, a palavra “bicha” é, sim, um tabuísmo em Portugal, onde pode significar “pênis” ou “vagina” (na região de Trás-os-Montes).

Na legenda 20, o termo “*prick*”, que significa “pessoa vil”, “infame”, está de acordo com o que foi traduzido: “canalha”. Porém, “*prick*” também significa “pênis” em inglês, portanto, uma palavra relativa a sexo, o que não ocorre na tradução em português.

Na legenda 32, “*kiss ass*” foi traduzido por “puxar-saco”. Os dois são usados no sentido de bajular alguém; no entanto, em inglês, ele remete a parte do corpo, e o seu uso é informal e não educado. Em português, o termo também é informal, porém o termo “saco” não tem conotação sexual. No livro “*A Casa da Mãe Joana*”, Reinaldo Pimenta (2002, p. 191) conta que esta expressão surgiu a partir de uma gíria militar: “Puxa-sacos eram as ordenanças que, submissamente, carregavam os sacos de roupas dos oficiais em viagem. O sentido se estendeu para o de bajulador.”

Expressões que remetem à Igreja também foram amenizadas: na legenda 22, “*Jesus Christ*” foi traduzido por “minha nossa”. Na legenda 45, “*Jesus*” foi traduzido por “caramba”, embora as duas sejam interjeições que expressam admiração ou surpresa. Na legenda 43, “*Christ’s sake*” também foi traduzido por “caramba”. “*Christ’s sake*” é usado na fala para expressar raiva ou aborrecimento. Assim, com exceção da legenda 55, percebe-se que o tradutor optou, portanto, por retirar as expressões religiosas.

### 3.2.3 Tradução usando omissão

Oito termos não foram traduzidos, sendo omitidos por completo. É o caso das legendas 7 (*prick*), 17 (*ass*), 22 (*dick-smoking*), 24 (*hell*), 28 (*gook*), 39 (*goddamn*), 41 (*fucking*) e 52 (*prick*).

### Considerações finais

Comparando a frequência de uso dos palavrões com a pesquisa de Jay (2009), pode-se concluir que sete dos termos mais citados na pesquisa dele (*fuck*, *shit*, *hell*, *goddamn*, *Jesus*

---

15 Segundo o dicionário “The Routledge dictionary of modern American slang and unconventional English” de Tom Dalzell (2009).

*Christ, ass e bitch*) estão no diálogo analisado, o que permite constatar que o diálogo representou o uso do vocabulário americano. Os palavrões aqui encontrados estavam relacionados a sexo ou partes do corpo, excrementos, religião e grupos desfavorecidos, de acordo com o listado nas pesquisas de Jay (1999) e Pinker (2008).

Dos 26 palavrões analisados, 2 foram traduzidos por equivalentes, 16 por uma palavra mais neutra e 8 omitidos. Somente duas das traduções são definidas pelo Houaiss como tabuísmo, o que ratifica estudos de Araújo (2002), Carvalho (2005), Koglin (2008) e Martinez (2007) de que os palavrões tendem a ser amenizados nas legendas.

Em momento algum neste trabalho teve-se a pretensão de minimizar a importância da tradução audiovisual, pelo contrário, ressalta-se aqui que a legendagem já está sendo usada no mundo inteiro no ensino-aprendizagem de língua estrangeira e que é uma ótima ferramenta para esta finalidade. No entanto, professores de LE que indicam filmes aos alunos que querem aprender palavrões devem estar cientes que os palavrões, embora ditos nos filmes, muitas vezes não são traduzidos.

### Referências bibliográficas

ARAÚJO, Vera Lúcia. Santiago. Glossário bilíngüe de clichês para legendagem e dublagem. **The ESPECIALIST**, v. 23, n. 2, p.139-154, 2002.

BAKER, Mona. **In other words. A coursebook on translation**. London: Routledge, 1992. 304 p.

CARVALHO, Carolina. Alfaro. **A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor**. Dissertação de mestrado. PUC – RJ, 2005. 160 p.

CHIARO, Delia. Issues in audiovisual translation. In.: MUNDAY, Jeremy (ed). **The Routledge companion to translation studies**. New York, 2009. . 141-165.

DÍAZ CINTAS, Jorge (a). **The didactics of audiovisual translation**. Amsterdam: John Benjamins, 2008. 263 p.

\_\_\_\_\_. (b) Audiovisual translation comes of age. In. CHIARO, Delia; HEISS, Christiane; BUCARIA, Chiara. (ed.) *Between text and image: updating research in screen translation*. Amsterdam, John Benjamins, 2008. p. 1-10.

DALZELL, Tom (ed.). **The Routledge dictionary of modern American slang and unconventional English**. New York: Routledge, 2009. 1104 p.

GRAN Torino. Direção Clint Eastwood. Drama. Estados Unidos, Warner Bros, 2008. DVD (116min.).

JAY, Timothy. **Why we curse: a neuro-psyco-social theory of speech**. Philadelphia: John Benjamins, 1999.

HOUAISS, Antonio (Ed.) **Dicionário eletrônico Houaiss de lingual portuguesa**. Versão 2.0a. Objetiva, 2007. CD-ROM.

KARAMITROGLOU, F. A proposed set of subtitling standards in Europe. **Translation Journal**, v.2, n.2, 1998. Não paginado.

KOGLIN, Arlene. **A Tradução de metáforas geradoras de humor na série televisiva Friends: um estudo de legendas**. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis: UFSC, 2008. 98 p.

LONGMAN. Dictionary of Contemporary English. Disponível em <  
<http://www.ldoceonline.com> >

MAIOR, Mário Souto. **Dicionário do palavrão e termos afins**. 2 ed. Recife: Guararapes, 1980.

MARTINEZ, Sabrina Lopes. **Tradução para legendas: uma proposta para a formação de profissionais**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. 97 p.

MCENERY, Tony. **Swearin in English**. Bad language, purity and power from 1586 to the present. New York: Routledge, 2006. 248 p.

MONTAGU, Ashley. **The anatomy of swearing**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2001. 373 p.

PIMENTA, Reinaldo. **A casa da mãe Joana: curiosidade nas origens das palavras, frases e marcas**. 7 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

PINKER, Steven. **Do que é feito o pensamento**. Tradução de Fernanda Ravagnanti. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VERGISNASSI, Texto Alexandre; BURGOS Pedro. A ciência do palavrão. **Superinteressante**. Editora Abril. Edição 249, fev. 2008.

WIECHA, Karin. **Swearing and dialect**. On the examples of British English Dialects. Norderstedt Germany: Grin, 2009.

WILLIAMS, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. **The Map. A beginner's Guide to doing research in Translation Studies**. Manchester: St. Jerome, 2002. 149 p.